

INFORMATIVO CONJUNTURAL

FEVEREIRO/2026



Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais

Governador: Romeu Zema Neto

Secretário de Estado: Thales Almeida Pereira Fernandes

Secretário de Estado Adjunto: João Ricardo Albanez

Subsecretário de Política e Economia Agropecuária: Gilson de Assis Sales

Superintendente de Inovação e Economia Agropecuária: Feliciano Nogueira de Oliveira

Elaboração: Gabriela Lenti

Colaboradores: Amanda Bianchi, Manoela Oliveira, Bruno Sebastyan, Elias Barbosa e Rebeca Caroline de Souza

SUMÁRIO

1. O que é o informativo conjuntural?	01
2. Exportações do Agro	02
3. Safra Agrícola de Grãos	06
4. Valor Bruto da Produção	08
5. Crédito Rural	11
6. Artigo Técnico-Inovação e Tecnologia na Mitigação de Riscos Climáticos na Agropecuária- Estratégias para Resiliência, Sustentabilidade e Competitividade no Campo Brasileiro	14

>>> INFORMATIVO <<<

INFORMATIVO CONJUNTURAL



O QUE É O INFORMATIVO CONJUNTURAL?

O Informativo Conjuntural é um boletim informativo mensal, que descreve o comportamento atual da produção e de condições de mercado de vários produtos agropecuários, como: algodão, arroz, café, feijão, milho, soja, boi, leite, ovos, peixe e suíno. Além disso, apresenta informações sobre as exportações do agronegócio mineiro, o crédito rural aplicado no estado, o Valor Bruto da Produção agropecuária e artigos técnico-conjunturais que trazem temas relevantes correlacionados à economia, gestão e inovação no agronegócio.

Dessa forma, o informativo, elaborado mensalmente pela equipe da Superintendência de Inovação e Economia Agropecuária vinculada à Subsecretaria de Política e Economia Agropecuária da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais, tem como objetivo manter o produtor e todos os interessados e envolvidos no agronegócio mineiro municiados de informações conjunturais e atualizados sobre o contexto e a importância do agronegócio para a sócio economia do estado.

EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO EM MINAS GERAIS

janeiro 2026 x janeiro 2025

Por Manoela Oliveira

SIEA/SEAPA

Fonte: MDIC. Análise: Siea/Seapa

Minas Gerais lidera em valor por tonelada no agro brasileiro e reforça perfil exportador de maior valor agregado

Minas Gerais inicia 2026 com um sinal muito positivo e estratégico para o agronegócio: o estado se destaca nacionalmente pelo alto valor médio exportado por tonelada, evidenciando um perfil exportador mais premium e com maior capacidade de captura de valor.

No mês de janeiro, as exportações do agro foram de **US\$ 1,2 bilhão**, mantendo-se no 3º lugar dos estados que mais exportam, com **11,5%** de participação no total nacional do setor. No período de janeiro de 2026, houve queda de **9,6%** no valor (de **US\$ 1,3 bilhão para US\$ 1,2 bilhão**), mas o movimento do mês não foi de retração física: ao contrário, o volume embarcado cresceu **6,8%**, passando de 726,7 mil toneladas para 776,4 mil toneladas, o que indica que o desempenho de receita foi condicionado por ajustes conjunturais de preços e composição da pauta, e não por perda de capacidade de exportar.

O indicador que melhor traduz a posição competitiva de Minas é o **valor médio (US\$/t)**. Em janeiro, Minas registrou **US\$ 1.593,47/t**, um patamar muito superior ao padrão brasileiro e acima do observado nos estados líderes em participação. Para dimensionar, o preço médio do agronegócio brasileiro no mês foi de **US\$ 680,15/t**, após recuar frente a janeiro de 2025 (**US\$ 743,54/t**). Isso significa que Minas exportou, em média, **duas vezes** o valor por tonelada do Brasil, reforçando a interpretação de que o estado possui uma pauta com maior densidade de valor, típica de produtos de maior preço unitário e maior grau de diferenciação. Vale notar que, mesmo tendo apresentado ajuste do seu próprio preço médio frente ao ano anterior (**de US\$ 1.883,96/t para US\$ 1.593,47/t**), Minas preservou uma vantagem comparativa expressiva no indicador, mantendo-se em posição de destaque.

A superioridade do valor médio mineiro fica evidente quando comparada aos estados que concentram maiores participações (%) das exportações do agro. **São Paulo**, que lidera o ranking em valor e respondeu por **17,1%** das exportações em janeiro de 2026, exportou **US\$ 1,8 bilhão**, porém com valor médio de **US\$ 784,72/t**, e ainda apresentou retração de **16,7%** na receita e de **5,5%** no volume. **Mato Grosso**, segundo maior exportador, com **16,7%** de participação, aumentou receita em **19,9%** e volume em **35,5%**, mas com valor médio de apenas **US\$ 434,43/t**, característica de uma pauta fortemente orientada a cadeias de grande tonelagem e menor valor unitário. Na sequência, **Rio Grande do Sul** (participação **9,9%**) operou com **US\$ 725,97/t** e teve quedas de **13,8%** em valor e **12,1%** em volume; **Paraná** (participação **9,9%**) registrou **US\$ 681,93/t**, com retrações de **11,8%** em valor e **22,4%** em volume; e **Mato Grosso do Sul** (participação **5,7%**) alcançou **US\$ 550,88/t**, com queda de **16,0%** na receita.

Frente a esse conjunto, Minas se diferencia por combinar escala relevante (mais de US\$ 1,2 bilhão no mês) com valor médio muito superior, reforçando um posicionamento de “valor” e não apenas de “volume”.

No cenário nacional, o agro somou **US\$ 10,7 bilhões** em janeiro de 2026, uma queda de **2,1%** em valor, embora tenha exportado **7,0%** mais em volume (15 milhões t). Ou seja, o país como um todo viveu um janeiro de **pressão de preços médios**. Do ponto de vista técnico, isso reforça a leitura de que Minas está relativamente mais exposta a produtos de maior valor unitário, com qualidade e agregação de valor, não dependendo exclusivamente do ganho em volume.

	Valor (US\$ Mil)		Volume (t)		Variação (%)		Valor médio (US\$/t)		Part. (%) 26	Part. (%) 25
	Jan 2026	Jan 2025	Jan 2026	Jan 2025	Valor	Vol.	jan a dez/25	jan a dez/24		
SP	1.841.358	2.209.598	2.346.517	2.483.031	-167	-55	78,472	88,988	171	201
MT	1.796.286	1.498.285	4.134.802	3.051.581	199	355	43,443	49,099	167	136
MG	1.237.247	1.369.067	776.448	726.697	-96	68	1.593,47	1.883,96	115	125
BRASIL	10.745.118	10.979.982	15.979.982	14.767.126	-21	70	68,015	74,354	100	100

Pauta exportadora

EXPORTAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DO AGRO - MINAS GERAIS										
PRODUTOS	Valor (US\$ Mil)		Volume (t)		Variação (%)		Valor médio (US\$/t)		Part.(%) Agro	
	jan/26	jan/25	jan/26	jan/25	Valor	Volume	jan/26	jan/25		
CAFÉ	787.067	973.242	104.855	171.236	-19,1	-38,8	7.506,25	5.683,61	63,6	
CARNES	138.730	113.193	37.960	35.556	22,6	6,8	3.654,59	3.183,51	11,2	
CARNE BOVINA	103.086	72.894	19.304	15.395	41,4	25,4	5.340,04	4.735,07	8,3	
CARNE DE FRANGO	28.917	32.221	15.242	16.498	-10,3	-7,6	1.897,18	1.952,99	2,3	
CARNE SUÍNA	5.712	6.970	3.039	3.251	-18,1	-6,5	1.879,46	2.144,08	0,5	
COMPLEXO SUCROALCOOLEIRO	101.648	103.201	293.677	221.229	-1,5	32,7	346,12	466,49	8,2	
PRODUTOS FLORESTAIS	86.474	96.904	151.443	169.968	-10,8	-10,9	571,00	570,13	7,0	
COMPLEXO SOJA	66.328	15.694	139.493	33.620	322,6	314,9	475,49	466,81	5,4	
SOJA EM GRÃOS	39.606	7.440	91.154	17.614	432,3	417,5	434,49	422,39	3,2	
FARELO DE SOJA	21.088	4.636	43.138	12.413	354,9	247,5	488,85	373,48	1,7	
OLEO DE SOJA	5.633	3.618	5.201	3.593	55,7	44,7	1.083,13	1.006,91	0,5	
Total Agronegócio (1)	1.237.247	1.369.067	776.448	726.697	-9,6	6,8	1.593,47	1.883,96	100,0	
Total Geral (2)	3.254.129	3.199.016	14.435.181	14.797.660	1,7	-2,4	225,43	216,18		
Participação (%) 1/2	38,0%	42,8%	5,4%	4,9%						

Café

O estado exportou US\$ 787,067 milhões em café em jan/26, contra US\$ 973,242 milhões em jan/25, com variação de -19,1% e 1,7 milhão de sacas, em volume, com queda de 38,8%. O preço médio do café foi de US\$ 7.506,25/t, sinalizando maior captura de valor por volume mesmo com menor ritmo de embarques. Além disso, o café manteve grande centralidade na pauta, respondendo por 63,6% da receita do agro mineiro no mês — fator que amplifica a oscilação de receita e volume no resultado geral.

Carnes

O segundo produto com maior capacidade de equilibrar o mês foi o grupo de carnes, que apresentou expansão relevante e registrou recorde histórico para meses de janeiro. Em jan/26, Minas exportou US\$ 138 milhões em carnes, frente a US\$ 113 milhões em jan/25 (+22,6%), também com recorde de volume, que avançou de 35 mil t para 37 mil t (+6,8%). O ganho foi reforçado pela valorização do preço médio, de US\$ 3.183,51/t para US\$ 3.654,59/t.

Dentro do grupo, a carne bovina foi o principal motor e igualmente alcançou recorde para janeiro, tanto em valor quanto em volume: foram US\$ 103 milhões em jan/26, ante US\$ 72 milhões em jan/25 (+41,4%), com embarques de 19 mil t frente a 15 mil t (+25,4%).

Complexo sucroalcooleiro

No complexo sucroalcooleiro, o comportamento foi típico de um ambiente em que o volume cresce mais do que a receita quando há pressão sobre preços. O complexo somou US\$ 101,6 milhões em jan/26, contra US\$ 103 milhões em jan/25 (-1,5%), mas com volume saltando de 221 mil t para 293 mil t (+32,7%). O preço médio recuou de US\$ 466,49/t para US\$ 346,12/t, explicando por que a receita não acompanhou a expansão física. O item mais representativo foi açúcar de cana, com US\$ 101,3 milhões em jan/26 ante US\$ 95,9 milhões em jan/25 (+5,5%), e volume de 293 mil t contra 209 mil t (+39,6%). O preço médio do açúcar, por sua vez, caiu de US\$ 457,14/t para US\$ 345,54/t, reforçando a leitura de que o mês foi marcado por ganho de volume com compressão de valor unitário.

Complexo soja

O complexo soja também aparece como um vetor de expansão no mês, contribuindo para diversificação da pauta. Em jan/26, o complexo totalizou US\$ 66 milhões, frente a US\$ 15 milhões em jan/25, alta de +322,6%. O volume subiu de 33 mil t para 139 mil t (+314,9%), com preço médio relativamente estável (de US\$ 466,81/t para US\$ 475,49/t). A soja em grãos, representou 60% da receita com US\$ 39, milhões em jan/26 ante US\$ 7 milhões em jan/25 (+432,3%). Já o farelo de soja alcançou US\$ 21 milhões frente a US\$ 4 milhões em jan/25 (+354,9%).

Produtos florestais

No grupo de produtos florestais, o comportamento foi de ajuste moderado. Em jan/26, Minas exportou US\$ 86 milhões contra US\$ 96 milhões em jan/25 (-10,8%), com volume de 151 mil t frente a 169 mil t (-10,9%). A celulose, principal item desse grupo, registrou US\$ 84 milhões em jan/26 ante US\$ 94 milhões em jan/25 (-10,8%), e volume de 148 mil t contra 166 mil t (-10,7%), com preço médio praticamente estável (US\$ 571,00/t vs US\$ 570,13/t).

Outros destaques reforçam o desempenho do mês. A exportação de frutas atingiu recorde para janeiro, com US\$ 502 mil e 515 toneladas, puxada especialmente por limão e abacate, que sustentaram o avanço tanto em valor quanto em volume. Em produtos alimentícios, Minas também registrou recorde em valor e volume — US\$ 4 milhões e 3 mil toneladas — impulsionado sobretudo por preparações de amendoim, com a Rússia como principal mercado comprador. Por fim, o grupo de produtos oleaginosos somou US\$ 1,7 milhão e 1,8 mil toneladas, com destaque para óleos e sementes, ampliando a diversificação da pauta exportadora no período.

Destinos das exportações

Os Estados Unidos lideraram as compras do agro mineiro, com US\$ 162 milhões (participação de 13,1%), embora com queda de -7,1% frente a jan/25. A China veio em seguida, com US\$ 144 milhões (11,7%) e alta de +6,1%, sugerindo sustentação de demanda no período. A Alemanha somou US\$ 112 milhões (9,1%), com retração de -16,6%, enquanto o Japão apresentou um dos sinais mais positivos do mês: US\$ 81 milhões (6,6%) e crescimento de +26,8%. A Itália manteve estabilidade, com US\$ 73 milhões (5,9%) e variação de +0,7%. No conjunto, os cinco principais destinos (EUA, China, Alemanha, Japão e Itália) concentraram 46,4% do valor exportado no mês

Destaque: os Emirados Árabes Unidos atingiram US\$ 30 milhões (2,5%) e cresceram +72,2%, sinalizando aceleração de demanda em um mercado estratégico.

Em síntese, ainda que janeiro tenha trazido queda de receita do agro mineiro (-9,6%), os dados sustentam que Minas mantém participação relevante e se diferencia pela capacidade de exportar com alto valor por tonelada, resultado de uma pauta concentrada em produtos de maior densidade de valor — especialmente o. Combinando desempenho por produto e comportamento por destinos, o desempenho mensal mostra um cenário de acomodação conjuntural, em que a vantagem competitiva de Minas segue ancorada na qualidade e no valor capturado por tonelada exportada.

PRINCIPAIS DESTINOS DO AGRONEGÓCIO



EUA (US\$ 162 MILHÕES)



CHINA (US\$ 144 MILHÕES)



ALEMANHA (US\$ 112 MILHÕES)



ITÁLIA (US\$ 73 MILHÕES)



JAPÃO (US\$ 81 MILHÕES)



SAFRA AGRÍCOLA DE GRÃOS

Por Elias Barbosa

SIEA/SUPEA/SEAPA

Fonte: Conab

O 5º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26, divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), indica crescimento de 2,3% na produção de grãos em Minas Gerais na comparação com a safra anterior. A estimativa aponta para um volume total de 18,8 milhões de toneladas, cultivados em 4,4 milhões de hectares (+2,3%), com produtividade média estadual de 4.280 kg/ha (-0,1%).

O desempenho reflete, sobretudo, a ampliação da área plantada, uma vez que a produtividade média estadual apresenta leve retração. Ainda assim, o volume consolidado confirma a relevância de Minas Gerais no cenário nacional, especialmente no contexto da Região Sudeste, onde os volumes mensais de chuva superaram 200 mm em grande parte do período analisado.

**Minas Gerais
Projeta 18,8
Milhões de
Toneladas na Safra
de Grãos 2025/26,
com Destaque
para Milho e Soja**

Milho e soja permanecem como os principais grãos produzidos no estado, respondendo conjuntamente por 86% da produção total, o equivalente a cerca de 16,1 milhões de toneladas. Essa concentração reforça o papel estratégico dessas culturas tanto na dinâmica produtiva quanto na formação do Valor Bruto da Produção (VBP) estadual.

Entre as culturas com estimativa de crescimento de produção destacam-se **algodão, amendoim, feijão, milho e sorgo**. No caso do algodão, observa-se avanço da semeadura nas áreas irrigadas à medida que a colheita da **soja** progride. A área irrigada superou a de sequeiro, evidenciando maior tecnificação. Apesar da retração de área motivada por eventos climáticos, como granizo, e pela cautela de produtores quanto à janela ideal de plantio, a expectativa é de boa produtividade, especialmente nas lavouras sob pivô.

Para o **arroz**, a semeadura encontra-se tecnicamente concluída, com lavouras irrigadas no Sul do estado em boas condições e majoritariamente na fase de enchimento de grãos. No Norte e Leste, o arroz de sequeiro e de várzeas úmidas apresenta bom desenvolvimento vegetativo, embora tenha havido atraso na semeadura devido à irregularidade das chuvas. No Noroeste e Triângulo Mineiro, estima-se redução significativa de área, influenciada principalmente por preços pouco atrativos do cereal.

O **feijão 1ª safra** iniciou colheita no fim de janeiro, com a maior parte das lavouras ainda entre enchimento de grãos e maturação. As condições variam entre regulares e boas, com perdas pontuais associadas à alta infestação de mosca-branca, especialmente no Noroeste mineiro. Ainda assim, projeta-se maior produção frente à safra anterior, com incremento tanto de área quanto de produtividade média.

A **1ª safra de milho** enfrentou dificuldades iniciais devido à irregularidade das chuvas, comprometendo parte das lavouras mais precoces. A partir de dezembro, o retorno das precipitações favoreceu a recuperação das áreas e o bom desenvolvimento das lavouras, atualmente majoritariamente em enchimento de grãos. A projeção é de incremento de produtividade, com relatos de possíveis recordes em algumas localidades.

Na **soja**, as chuvas abaixo da média em outubro e novembro impactaram o desenvolvimento inicial. Com a regularização das precipitações a partir de dezembro, houve recuperação significativa. Observam-se lavouras com entrenós mais curtos, porém com elevado número de vagens. As áreas irrigadas já colhidas apresentam produtividades superiores a 4.000 kg/ha, enquanto as primeiras áreas de sequeiro tendem a registrar rendimentos inferiores, em razão do estresse hídrico inicial. A incidência de mosca-branca, associada a períodos chuvosos que dificultaram pulverizações, também afetou parte das lavouras. Ainda assim, as condições climáticas recentes têm compensado parte das perdas, mantendo o potencial produtivo praticamente constante.

O **amendoim**, cujo plantio foi concluído em dezembro com o retorno das chuvas, encontra-se em fase reprodutiva, majoritariamente em enchimento de grãos. A cultura tem se mostrado economicamente atrativa, inclusive com valores de arrendamento superiores aos praticados para a soja.

Em síntese, o cenário da safra 2025/2026 em Minas Gerais é marcado por expansão de área e recuperação climática a partir de dezembro, fatores que sustentam o crescimento projetado de 2,3% na produção total. Apesar de desafios pontuais, como irregularidade inicial das chuvas, incidência de pragas e eventos climáticos isolados, o conjunto das culturas apresenta desempenho satisfatório até o momento do levantamento, reforçando a resiliência e a capacidade de adaptação do setor agrícola mineiro.

Minas Gerais – Safra 2025/26							
PRODUTO	ÁREA (Em mil ha)		PRODUTIVIDADE		PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 25/26	VAR. %	Safra 25/26	VAR. %	Safra 25/26	VAR. %	
ALGODÃO - CAROÇO	42,2	↓ -6,4	2.699	↑ 10,2	113,8	↑ 3,1	
ALGODÃO - PLUMA	42,2	↓ -6,4	1.930	↑ 10,2	81,5	↑ 3,2	
AMENDOIM	16,0	↑ 10,3	3.586	↓ -0,1	57,4	↑ 10,4	
ARROZ	16,4	↓ -26,1	3.953	↑ 0,5	64,8	↓ -25,8	
Arroz sequeiro	2,4	↓ -14,3	1.426	↑ 2,0	3,4	↓ -12,8	
Arroz irrigado	14,0	↓ -27,8	4.386	↑ 2,0	61,4	↓ -26,4	
FEIJÃO TOTAL	287,4	↑ 0,2	1.739	↑ 7,7	499,7	↑ 8,0	
FEIJÃO 1ª SAFRA	129,9	↑ 1,2	1.729	↑ 8,2	224,6	↑ 9,5	
FEIJÃO 2ª SAFRA	100,6	↓ -0,6	1.462	↓ -0,2	147,1	↓ -0,8	
FEIJÃO 3ª SAFRA	56,9	↓ -0,4	2.250	↑ 17,5	128,0	↑ 17,1	
GIRASSOL	5,5	○ 0,0	1.800	○ 0,0	9,9	○ 0,0	
MILHO TOTAL	1.141,3	↑ 5,3	6.259	↑ 2,9	7.143,1	↑ 8,4	
Milho 1ª Safra	650,6	↑ 5,1	6.782	↑ 9,1	4.412,4	↑ 14,7	
Milho 2ª Safra	490,7	↑ 5,6	5.565	↓ -5,7	2.730,7	↓ -0,5	
SOJA	2.342,4	↑ 1,1	3.834	↓ -3,3	8.980,8	↓ -2,2	
SORGO	403,2	↑ 8,3	3.897	↓ -2,3	1.571,3	↑ 5,8	
TRIGO	144,1	↓ -4,6	2.678	↓ -4,5	385,9	↓ -8,9	
GRÃOS TOTAL	4.398,5	↑ 2,3	4.280	↓ -0,1	18.826,7	↑ 2,3	

Elaboração: SIEA/SEAPA-MG / Estimativa de fevereiro/ 2026

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO

Por Amanda Bianchi

SIEA/SUPEA/SEAPA

Fonte: Banco Central do Brasil

Fonte: MAPA; Cepea; Conseleite; Conab.

VBP de Minas Gerais prevê alcançar R\$ 165,9 bilhões em 2026 e sobe para a 2ª posição no ranking dos estados com maior VBP agropecuário

O Valor Bruto da Produção (VBP) da agropecuária mineira está com estimativa de alcançar R\$ 165,9 bilhões em 2026. A projeção, feita com dados de janeiro, aponta redução de 1,3% em relação ao ano passado. Em contrapartida, **em 2026, Minas Gerais sobe para a 2ª posição no ranking dos estados com maior VBP agropecuário do Brasil.**

O indicador é calculado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/USP).

Agricultura

As lavouras representam 70% do faturamento total do VBP mineiro. Em 2026, há previsão de aumento de 2,5%, com a receita alcançando R\$ 115,8 bilhões. Está estimada a alta para as culturas do café (+10,3%), do milho (+1,3%), da banana (+4,0%), do feijão (+13,5%) e da uva (+23,3%). Juntos esses produtos correspondem por 68% do faturamento total das lavouras.

Principais produtos da agrícolas

Café Total	R\$ 64,8 bilhões
Soja	R\$ 17,3 bilhões
Cana-de-açúcar	R\$ 12,7 bilhões
Milho	R\$ 7,8 bilhões
Banana	R\$ 3,4 bilhões



O **café** ocupa a liderança no segmento agrícola, contribuindo com 39% do VBP agropecuário e com o valor de R\$ 64,8 bilhões (+10,3%), o maior da série histórica. Conforme informações do Cepea, tanto a restrição na oferta quanto o andamento da safra brasileiro devem seguir exercendo influência relevante sobre as cotações, até que haja maior certeza sobre o enchimento dos grãos e sobre o desempenho da safra.



A soja, que ocupa o segundo lugar no segmento agrícola, registrando um VBP de R\$ 17,3 bilhões (-7,8%). Há estimativa de queda na produção para a safra 2025/26 no estado (Conab). Ainda, segundo o Cepea, a evolução da taxa de câmbio continuará a ser um fator chave na formação dos preços internos.



O VBP da cana-de-açúcar é de R\$ 12,7 bilhões (5,8% inferior ao VBP de 2025). De acordo com o Cepea, no mercado internacional, a perspectiva predominante é de preços moderados para o açúcar, considerando os estoques mais confortáveis. A demanda pelo etanol deve seguir aquecida, pressionando as cotações.



O VBP do milho está previsto para alcançar R\$ 7,8 bilhões, aumento de 1,3%. A produção do grão no estado está com estimativa de crescimento de 8,4%, alcançando 7,1 milhões de toneladas. Outros produtos agrícolas, além da soja (-7,8%) e da cana (-5,8%), apresentam queda nesta estimativa: batata-inglesa (-6,5%), tomate (-12,1%), laranja (-34,8%), algodão (-9,0%), trigo (-23,1%), amendoim (-6,7%), mandioca (-25,8%) e arroz (-36,5%).

Pecuária

A receita da pecuária estima alcançar R\$ 50,1 bilhões em 2026, com queda de 9,2%. Há previsão de aumento de 5,0% para bovinos, registrando R\$ 19,0 bilhões. Os demais produtos apresentam queda nesta estimativa: leite (-21,9%), frango (-7,4%), suínos (-5,7%) e ovos (-34,9%).

Principais produtos da pecuária

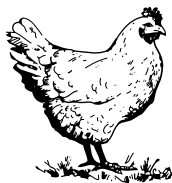
Bovinos	R\$ 19,0 bilhões
Leite	R\$ 14,2 bilhões
Frango	R\$ 7,7 bilhões
Suínos	R\$ 7,4 bilhões
Ovos	R\$ 2,7 bilhões



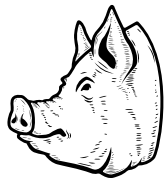
A carne bovina ocupa a liderança no segmento da pecuária, com participação de 38% no total do VBP da pecuária. O faturamento bruto pode chegar a R\$ 19,0 bilhões em 2026, o maior valor registrado, com aumento de 5,0% em relação ao ano anterior. As demandas interna e externa pela carne bovina brasileira seguirão em crescimento e os preços dos animais e da carne devem ter boa sustentação, com tendência de alta (Cepea).



O leite, de acordo com o Mapa, ocupa o segundo lugar no VBP da pecuária mineira, com participação de 28%. Em 2026, a previsão é de R\$ 14,2 bilhões, queda de 21,9% em relação ao ano anterior. Os estoques têm se mantido elevados e os preços vêm apresentando queda desde junho do ano passado, o que tem impactado no VBP do leite.



O VBP de frango prevê queda de 7,4%, alcançando R\$ 7,7 bilhões em 2026. O VBP de ovos também registra uma queda, de 34,9%, chegando a R\$ 1,8 bilhões. Segundo Cepea, os preços do frango resfriado registraram queda em janeiro/26, em comparação a dezembro/25.



A carne suína está com previsão de redução de 5,7%, alcançando uma receita de R\$ 7,4 bilhões. Em janeiro de 2026, os preços do suíno vivo apresentaram forte queda. A pressão sobre as cotações veio sobretudo da desaceleração da demanda. (Cepea).

CRÉDITO RURAL

Por Bruno Sebastyan

SIEA/SUPEA/SEAPA

Fonte: Banco Central do Brasil

O Crédito Rural abrange recursos destinados a:

- Custeio: para cobrir as despesas normais dos ciclos produtivos;
- Investimento: aplicados em bens ou serviços duráveis, cujos benefícios repercutem durante muitos anos;
- Comercialização: asseguram ao produtor rural e a suas cooperativas os recursos necessários à adoção de mecanismos que garantam o abastecimento e levem o armazenamento da colheita nos períodos de queda de preços;
- Industrialização: industrialização de produtos agropecuários, quando efetuada por cooperativas ou pelo produtor rural em sua propriedade rural.

O produtor pode pleitear as quatro modalidades de crédito rural como pessoa física ou jurídica. As cooperativas rurais são também beneficiárias naturais do sistema.

As suas regras, finalidades e condições estão estabelecidas no Manual de Crédito Rural (MCR), elaborado pelo Banco Central do Brasil. Essas normas são seguidas por todos os agentes que compõem o Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), como bancos e cooperativas de crédito.

Os desembolsos do crédito rural para Minas Gerais somaram, de julho/25 a janeiro/26, R\$ 30,76 bilhões, valor que está 12% inferior aos R\$ 35,08 bilhões registrados entre julho/25 a janeiro/26.

O valor total liberado para Minas Gerais representa 14,6% do desembolso nacional, que está em R\$ 210,26 bilhões e apresenta queda de 26%. No período de julho/25 a janeiro/ 26, foram aprovados 173.857 contratos de crédito rural para Minas Gerais, volume 9% maior em relação ao registrado no mesmo período da safra passada.

**De julho/25 a
janeiro/26, os
desembolsos do
crédito rural para
Minas Gerais
somaram R\$ 30,76
bilhões**

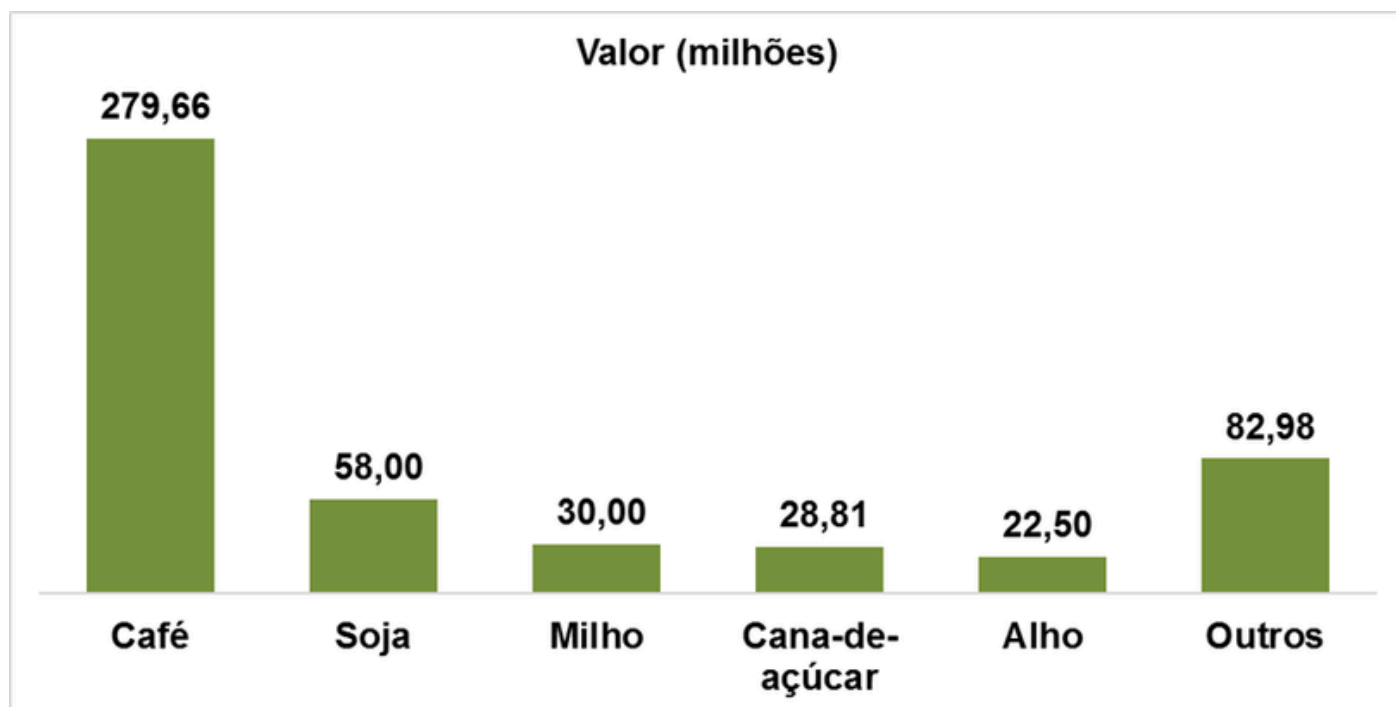
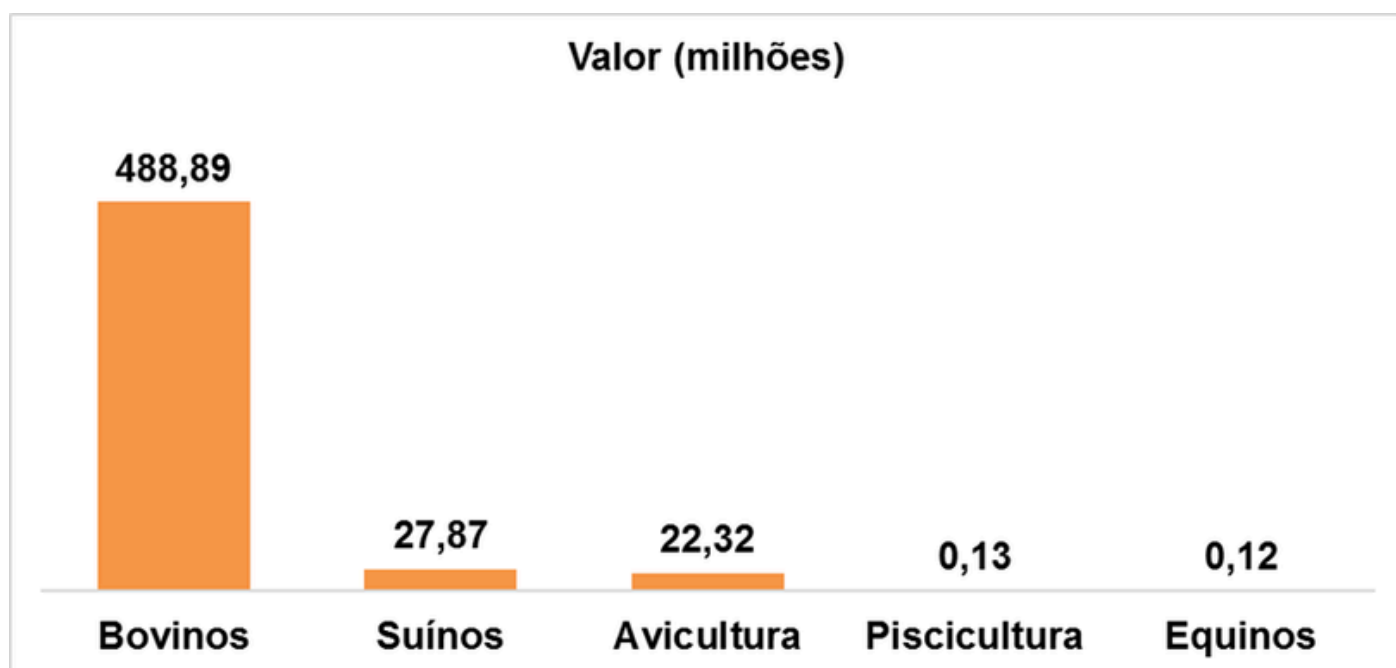
Ai analisarmos os valores de crédito rural por setor, a agricultura mineira foi responsável por R\$ 20,86 bilhões de julho/25 a janeiro/26. Por sua vez, a pecuária foi responsável por R\$9,9 bilhões também no mesmo período. A agricultura registrou queda de 12% sobre os valores contratados de crédito rural e a pecuária, observou-se uma redução de 13%. Ambas as quedas são

relação ao período de julho/25 a janeiro/26.

Apesar de que no montante total dos recursos, a quantidade de novos contratos aumentou nos períodos analisados. Entre julho/25 a janeiro/26, os contratos de crédito rural aumentaram 9%. Agricultura foi responsável por aumento de 11% e a pecuária por 7%.

A **linha de custeio** apresentou a maior demanda de recursos financeiros e a **linha de investimento** o maior número de contratos.

Finalidade	Atividade	Nº Contratos (25/26)	Variação % – safra (25/26)/(23/24)	Valor (bilhões R\$) (25/26)	Variação % – safra (25/26)/(23/24)
Custeio	Agrícola	39.656	-6,1	11,28	-10,8
	Pecuária	29.879	-13,3	6,83	-14,1
	Total	69.535	-9,3	18,11	-12,1
Investimento	Agrícola	50.429	31,6	4,22	-20,1
	Pecuária	51.829	22,9	2,17	-25,1
	Total	102.258	27,0	6,39	-21,9
Comercialização	Agrícola	1.833	-29,5	3,63	-19,8
	Pecuária	83	29,7	0,31	367,9
	Total	1.916	-28,1	3,94	-14,2
Industrialização	Agrícola	108	20,0	1,73	42,9
	Pecuária	40	-2,4	0,59	19,7
	Total	148	13,0	2,32	36,2

**Custeio para as Lavouras (2025/26) - janeiro/26****Custeio para a Pecuária (2025/26) - janeiro/26**

TECNOLOGIA DE MITIGAÇÃO DE RISCOS CLIMÁTICOS NA AGROPECUÁRIA

Por Rebeca Souza

SIEA/SEAPA

A crescente variabilidade climática tem demandado maior planejamento e capacidade de adaptação na agropecuária. Oscilações nos regimes de chuva, variações térmicas mais intensas e eventos climáticos extremos reforçam a importância da adoção de tecnologias e práticas de manejo que ampliem a resiliência produtiva. Nesse contexto, a gestão de riscos climáticos está cada vez mais associada ao uso de



ferramentas de monitoramento, previsão e automação, qualificando a tomada de decisão e fortalecendo a sustentabilidade do setor.

Um dos avanços mais importantes está nas plataformas de inteligência climática. Esses sistemas integram dados meteorológicos, sensoriamento remoto e modelos preditivos capazes de indicar, com antecedência, a probabilidade de geadas, ondas de calor ou déficit hídrico. Na cafeicultura, por exemplo, previsões precisas de temperatura mínima e ponto de orvalho auxiliam na definição de estratégias de proteção contra geadas, enquanto no leite o monitoramento do Índice de Temperatura e Umidade (THI) orienta intervenções para reduzir o estresse térmico do rebanho. O uso de imagens de satélite e índices de vegetação, como NDVI e SAVI, permite acompanhar o avanço do estresse hídrico nos talhões, identificar falhas de crescimento e orientar tanto a irrigação quanto a adubação foliar em momentos críticos da safra.

A irrigação inteligente, baseada em sensores de umidade do solo e estações meteorológicas locais, é outra tecnologia essencial para reduzir perdas em anos secos. Sistemas automatizados ajustam o volume e o horário da irrigação de acordo com a necessidade da planta, evitando desperdícios e garantindo que culturas sensíveis não ultrapassem limites de estresse. Em períodos de estiagem prolongada, essa abordagem mantém a umidade mínima para fases chave como florescimento e enchimento de grãos, além de reduzir significativamente o risco de abortamento floral no café. Resultados obtidos em propriedades que utilizam tensiômetros e sensores capacitivos apontam para economias de 20% a 40% no uso de água, com maior estabilidade produtiva mesmo em safras irregulares.

A escolha de cultivares adaptadas ao estresse climático é outro pilar de mitigação. Programas de melhoramento têm disponibilizado materiais genéticos mais tolerantes à seca, ao calor e a doenças associadas a ambientes extremos. Na pecuária, pastagens mais persistentes durante veranicos prolongados, como cultivares de *Brachiaria* e *Panicum*, garantem oferta de forragem mais estável e reduzem os custos com suplementação.

No milho e no feijão, cultivares mais tolerantes a altas temperaturas e déficit hídrico têm mostrado desempenho superior em anos críticos, reduzindo perdas e ampliando a resiliência produtiva.

A agricultura de precisão, por sua vez, permite manejar diferenças dentro da propriedade. O uso de drones, sensores de solo e imagens de satélite identifica áreas com maior suscetibilidade ao estresse climático e permite aplicar insumos de forma localizada, evitando desperdícios e otimizando o uso de fertilizantes em ambientes sob estresse. Em anos quentes e secos, por exemplo, ajustar doses de nitrogênio reduz perdas por volatilização e melhora a eficiência nutricional, enquanto o monitoramento por sensoriamento remoto permite detectar problemas antes que eles se tornem visíveis.

O manejo do solo também desempenha papel central na mitigação dos impactos climáticos. Solos com maior teor de matéria orgânica têm maior capacidade de retenção de água e menor variação térmica, o que reduz o efeito dos veranicos e aumenta a tolerância das culturas. Práticas como plantio direto, rotação de culturas e sistemas integrados Lavoura-Pecuária-Floresta melhoram a infiltração de água, reduzem erosão e mantêm a umidade por mais tempo. Além disso, a presença de árvores em sistemas ILPF atenua extremos térmicos e protege o microclima, trazendo benefícios tanto para culturas quanto para o bem-estar animal.

Na pecuária de leite, tecnologias de conforto térmico têm se mostrado indispensáveis diante das ondas de calor cada vez mais intensas. Ventiladores e aspersores automatizados, acionados por sensores de temperatura e umidade, reduzem o estresse térmico e mantêm a produção mesmo em períodos quentes. Em sistemas a pasto, o uso de sombreamento natural ou artificial diminui o impacto direto da radiação solar, enquanto o resfriamento em salas de ordenha melhora significativamente o desempenho produtivo e reprodutivo do rebanho.

Por fim, além das estratégias de mitigação no campo, mecanismos financeiros como o seguro rural indexado têm ganhado relevância. Diferentemente dos seguros tradicionais, esse modelo aciona a indenização automaticamente quando índices de precipitação, temperatura ou ocorrência de geada atingem níveis críticos. Isso reduz o risco financeiro do produtor, especialmente em regiões vulneráveis e em culturas com alta sensibilidade climática.

Em um cenário de crescente instabilidade climática, a adoção integrada dessas tecnologias é fundamental para preservar produtividade, reduzir riscos e garantir sustentabilidade econômica e ambiental. A combinação entre monitoramento climático avançado, manejo eficiente, genética adaptada, automação e planejamento financeiro torna a produção mais resiliente e permite que o produtor transforme informação em estratégia — antecipando eventos, reduzindo impactos e assegurando competitividade mesmo diante de um clima cada vez mais desafiador.